

## Museu de História Natural: fechado há 3 anos por falta de estrutura

**Candice Almeida**  
Estagiária

Um verdadeiro crime está ocorrendo há anos no Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas. O prédio da década de 1960 foi construído para abrigar a faculdade de odontologia, mas desde o início da década de 1990 abriga o Museu de História Natural e os pesquisadores da área. Totalmente sem estrutura, está fechado para visitas do público desde 2011 e só consegue manter o acervo atual por força e empenho dos próprios pesquisadores.

Na última terça-feira (22), logo após o feriado da Semana Santa e Tiradentes, funcionários do Museu foram surpreendidos pela queda do teto da sala de exposições. Sala que já estava fechada para visitas, desde que outros acidentes da mesma natureza ocorreram, e que, agora, apenas abrigava o acervo de exposições itinerantes.

"Nosso maior patrimônio não é físico, não é estrutural, é científico, é natural. Nosso acervo é reconhecido internacionalmente. Há exemplares que só nós temos no mundo todo", explica o diretor técnico do museu Jorge Luiz Lopes da Silva. Com infiltrações, instalações elétricas anti-

gas e emendadas, telhas quebradas, mofo e falta de espaço, o museu precisou fechar suas portas para a visita do público em 2011.

Na época o teto da sala de exposições do museu havia caído enquanto recebia a visita de estudantes. Pouco tempo depois, o teto voltou a cair durante uma inspeção de técnicos da Universidade. Quando o teto da réplica de caverna, que ainda há no museu, cedeu, a direção resolveu proibir as visitas por falta de segurança. Ninguém se machucou, mas havia a possibilidade.



"O acervo é o nosso maior compromisso hoje, desde que o museu já não funciona mais". O professor Jorge Luiz explica que fogo e água são elementos que não combinam com acervo científico e os problemas estruturais que levaram ao fechamento para o público ainda em julho de 2011 são os mesmos que causam insegurança para a coleção científica que ainda abriga.

O museu reúne o acervo histórico natural, mas também seis setores de pesquisas e mais um laboratório de apoio, o de Taxidermia. No prédio completamente sem estrutura física

para proteger um acervo de milhares de espécimes, há pesquisas de Paleontologia, Mastozoologia, Ornitologia, Herpetologia, Malacologia e Botânica, além da taxidermia. "Há ainda os setores de Entomologia e Ictiologia que estão sem curadores, então estão inativos", explicou a bióloga, pesquisadora, Ludmilla Nascimento.

Apesar dos nomes estranhos, o acervo é interessantíssimo. O museu abriga plantas, répteis, anfíbios, aves, mamíferos, peixes, fósseis, tudo devidamente catalogado e divulgado em publicações científicas

reconhecidas nacional e internacionalmente.

O laboratório de herpetologia, sob a responsabilidade do técnico de assuntos educacionais, Felipe Nascimento, abriga mais de 11 mil espécimes, sendo alguns tão raros, que foram descobertos por pesquisadores alagoanos e que só podem ser encontrados no Museu de História Natural da UFAL. O laboratório é referência nacional.

O acervo de plantas do museu deveria abrigar mais de 3 mil exemplares devidamente catalogados, mas estão amontoados em armá-

rios numa sala sem forro no teto, mofo pelas paredes, com infiltrações, sem iluminação e toda a estrutura elétrica exposta. Pesquisadores estimam que mais de 50% do material já foi perdido pela umidade.

Havia em exposição duas jiboias, mas ambas acabaram morrendo eletrocutadas pela parede do local que as abrigava. Hoje a parede já não oferece risco, mas foi necessário que ambas as jiboias morressem para que medidas fossem adotadas. O local onde estavam expostas está fechado e com alertas de risco de choque elétrico.